



O deputado Miquéias Paz, autor da lei que instituiu o bônus, quer aumentar o público consumidor de cultura

# PONTO CRÍTICO

## POLÍTICA CULTURAL

*As temporadas promovidas pelo GDF  
são realmente populares?*

**SIM**

## CULTURA DE TODOS PARA TODOS

Nilson Rodrigues

É muito gratificante para o Governo do Distrito Federal realizar um Projeto com as características do Temporadas Populares, que já levou mais de 300 mil espectadores aos espetáculos. Trata-se de cumprir com compromissos assumidos durante a campanha do então candidato Cristovam Buarque ao Palácio do Buriti. No nosso programa de governo estava explícito que desenvolveríamos ações para democratizar o acesso da população aos bens culturais. E é isso que estamos fazendo.

É sabido que o preço dos ingressos para espetáculos em Brasília sempre foi excludente. Poucos podem pagar R\$ 40, R\$ 50, às vezes mais, para assistir a um show ou a uma peça de teatro. Há ainda o fato de que nas férias de janeiro e julho a cidade se transformava em um "deserto" de opções de cultura e lazer.

Hoje, a realidade é outra. Nesses períodos, a cidade fervilha com diversas atrações, desde trabalhos artísticos elaborados para grandes platéias, com artistas já consagrados, até opções estéticas mais ousadas, com artistas emergentes, passando por criadores populares representantes das manifestações culturais das diversas regiões do

país. Muito importante: o preço do ingresso é acessível, sendo R\$8 e R\$4 a inteira e meia entrada no Plano Piloto e R\$6 e R\$ 3 nas cidades satélites. Some-se a isso, os espetáculos gratuitos apresentados em feiras, praças, ruas e terminais rodoviários de todo o Distrito Federal.

Sem paternalismo e aprendendo com experiências passadas — mas sem saudosismo — o Governo Democrático e Popular tem mostrado que, com muita responsabilidade e doses de criatividade e ousadia, ser possível desenvolver uma política cultural de interesse coletivo.

Entendemos que o povo também deve ter o direito de ver de perto artistas consagrados. Por isso promovemos, dentro do Projeto, apresentações de artistas como Tônia Carrero, Almir Sater, Toquinho, Raul Cortez, Nana Caymmi, MPB-4, Ivan Lins, Cássia Eller, Zélia Duncan, dentre muitos outros. Inédito é que os artistas consagrados também se apresentam nas cidades satélites. Mas o "Temporadas" vai além, compondo um amplo painel da produção cultural brasileira, nas áreas de música, teatro e dança.

Nas cinco edições do Projeto, possibilitamos mais de setecentos espetáculos. Vimos em Brasília a

tradição da Banda da Pifanos de Caruaru, do Ilê-ayê da Bahia, do Caruriá de Dona Tetê do Maranhão, o ritmo do Gaúcho da Fronteira, a sofisticação de Antonio Nóbrega e a simplicidade e a riqueza da violeira do Pantanal, Helena Meireles. Nos emocionamos com as homenagens a Jamelão, Zé Ketí, Mário Lago e Dona Ivone Lara. Assistimos com alegria, ao trabalho lapidar do Grupo Quasar de Dança; vibramos com Zeca Baleiro, mestre Ambrósio e Chico César. Só os incautos não vêem. Pôr miopia ou má-fé.

A participação dos artistas brasileiros é outro dado relevante. De forma inédita eles ocupam espaços nobres como o Teatro Nacional e também têm o suporte para se apresentar em outros espaços. Quem não gosta de ver Beirão, Marcelo Guima, Célia Porto, Quarteto de Saxofones, dentre dezenas de outros, dividindo o palco com artistas de outras regiões e se apresentando para grandes platéias? Alguém está incomodado por ver o artista de Brasília ser tratado com dignidade?

Assim, nos sentimos felizes por estar promovendo em Brasília um novo conceito de política cultural.

■ Nilson Rodrigues da Fonseca é diretor-executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal

**NÃO**

## DISTORÇÕES NA IDÉIA ORIGINAL

Jorge Antunes

No Rio de Janeiro dos anos 50 e 60, todos os estudantes de música estavam sempre à espera das Temporadas Populares do Teatro Municipal. O tradicional teatro promovia temporadas de ópera. Para um estudante, qualquer ingresso é difícil de ser pago. A direção do Teatro sabia disto e, democraticamente, promovia as Temporadas Populares. Assim eram chamadas as récitas em que as óperas eram apresentadas para a gente comum do povo. Nas récitas de assinatura lá estava o público esnobe, engratado. Mas uma semana depois os excluídos também poderiam tomar seu banho estético e cultural.

No programa de governo elaborado pela Comissão de Cultura da Frente Brasília Popular foi preconizada a democratização cultural, com o lema "Cultura de Todos para Todos". Mas, tão logo foi implantado o projeto Temporadas

Populares do governo Cristovam, ficaram claras as distorções impostas à idéia original. Os que tomaram as rédeas da área cultural no DF não eram os que haviam elaborado o programa de governo. Foram impostas mudanças de rumo com a adoção de uma burra política cultural que vigora ainda hoje e a que eu chamo monocultura.

Quando o nosso recifense governador diz que quer mudar o PT, eu digo: "Gilberto Freire explica!". É este outro recifense que, em Casa-grande e Senzala, nos ensina que a partir do século XVI os senhores de engenho forjaram uma sociedade em torno da monocultura: a cana-de-açúcar. No limiar do século XXI os senhores do poder tentam formar uma sociedade em torno da monocultura: a arte popular de consumo.

As Temporadas Populares do governo Cristovam começaram sorteiras, trazendo aos janeiros de Brasília a arte pouco consumida, mas logo mostraram a que vieram.

Hoje os principais artistas são os globais e medalhões da indústria cultural, que é mais industrial do que cultural. O público é dos advogados, funcionários, professores e estudantes burgueses. A imprensa escrita, consumida pelo mesmo público, alardeia o sucesso da promoção. Assim, o GDF considera que o projeto "está dando certo". Forma-se o círculo vicioso.

O candango humilde não pode pagar os anunciados "preços populares". Aliás, se o preço de R\$ 8 é o adequado a uma "temporada popular", que nome deveria ser dado a uma "temporada" com entrada franca? Talvez "Temporadas da Ralé"! Além de tudo, os shows dos globais da indústria massificante são abertos pela brilhante prata da casa servindo de capacho. O público limpa os pés do ouvido antes de ter acesso ao santo de fora de casa.

■ Jorge Antunes é compositor, maestro, professor titular da Universidade de Brasília e membro da Academia Brasileira de Música